

E-boletim da Associação Portuguesa de Antropologia

www.apantropologia.net

NESTE NÚMERO

[Notícias APA](#)

[Dossier](#)

[Actualidade](#)

[Oportunidades](#)

[Acontecerá](#)

[Publicações](#)

[Aconteceu](#)

Publicação de notícias no e-boletim

Tendo em conta alguns pedidos de esclarecimento que nos foram endereçados, recordamos que a política de divulgação vigente na APA à seguinte:

1) o principal canal de divulgação é este boletim trimestral, que inclui informação relativa às actividades da APA, notícias no âmbito do World Council of Anthropological Associations, notícias de actualidade antropológica, eventos e lançamentos editoriais (sempre relacionados com a antropologia portuguesa ou de interesse explícito para a mesma);

2) o boletim é editado no final de Fevereiro, Abril, Setembro e Dezembro de cada ano. Pedimos que os interessados em enviar material para divulgação tenham estas datas em conta, enviando a informação com a devida antecedência, de forma a que não se perca informação não enviada em tempo útil;

3) serão divulgadas através da mailing list informações de carácter urgente e pontual.

Reiteramos o nosso apelo para as vossas contribuições, que podem enviar para [divulgacao](#)

Apresentamo-vos aqui o terceiro número do novo e-boletim da Associação Portuguesa de Antropologia. Para além das notícias relativas a eventos, publicações e acontecimentos, destacamos em especial a abertura do dossier sobre o "Perfil do Antropólogo em Portugal". Para este número, contamos com um documento de inestimável valor sobre a situação da antropologia em Portugal no final do século XX, da autoria de José Cavaleiro Rodrigues, antigo membro da direcção da APA.

Ruy Blanes, responsável pelo e-boletim da APA

NOTÍCIAS DA APA

PROJECTOS DA APA - PERFIL DO ANTROPÓLOGO

Neste e-boletim recomendo vivamente a leitura do texto de José Cavaleiro Rodrigues, coordenador do Inquérito à Situação dos Antropólogos em Portugal, realizado em 1999 pela APA. Este texto oferece-nos um primeiro panorama da situação de profissionalização e de formação dos antropólogos em Portugal. O inquérito foi realizado em 1999, mas incluiu perguntas relativas a 1989. Assim, esse estudo caracteriza o perfil do antropólogo nessa década (1989-1999) como uma população jovem, inserida profissionalmente (com menor desemprego do que a maioria nacional na época), muito concentrada na área da grande Lisboa, maioritariamente feminina, e a transitar entre a área do ensino e o exercício de funções nos quadros técnicos superiores: "em áreas tão diversificadas como a museologia, a intervenção social e comunitária e a formação profissional".

O facto de já termos este estudo constitui um legado precioso para a APA já que, entre outros aspectos, nos permite avançar para uma análise longitudinal e para abordagens mais qualitativas sobre a situação da antropologia no país. Ao mesmo tempo, não iremos esquecer a necessidade de alargamento comparativo desta abordagem, até porque uma das alterações significativas no âmbito da actuação da antropologia em Portugal no período já posterior a 1999 foi a sua consolidação como parte da antropologia europeia e/ou internacional. Por isso, no projecto que intitulamos o *Perfil do Antropólogo* estaremos em diálogo com um estudo que está a ser igualmente implementado ao nível da antropologia na Europa e ainda com os debates que o World Council of Anthropological Associations (WCAA) está a promover sobre a antropologia na actualidade.

(Susana de Matos Viegas, Presidente da Direcção da APA)

OS SÓCIOS DA APA

Nos últimos meses concluímos a actualização das fichas de sócios, tendo em vista também este estudo do Perfil do Antropólogo. Em breve estaremos em condições de oferecer um panorama objectivo sobre os sócios da APA. No conjunto de actividades que estamos a desenvolver, temos estado igualmente atentos ao alargamento desta associação para todos os antropólogos de qualquer nacionalidade que estejam num diálogo mais directo com a antropologia feita a nível nacional.

(Susana de Matos Viegas, Presidente da Direcção da APA)

ACTAS DO III CONGRESSO DA APA

Neste trimestre concluímos a publicação *on-line* das Actas do III Congresso da APA (2006), a qual foi coordenada pela Ana Bénard da Costa. Tal como anunciámos, fizemos um *link* para as actas a partir da nossa página da associação.

Tendo acompanhado de perto este processo, quero deixar aqui um agradecimento especial à Ana Bénard da Costa e a todos os autores, pela colaboração e o trabalho realizado.

(Susana de Matos Viegas, Presidente da Direcção da APA)

LEGALIZAÇÕES DA APA

Neste trimestre concluímos o processo de legalização da APA que a direcção anterior havia começado, depois de um período de transição da sede e de organização interna da associação. O processo incluiu: a actualização da base de dados, a inscrição jurídica da sede da associação e sua regularização financeira.

Tivemos em atenção também o interesse dos sócios em obterem um recibo das quotas que pagam à Associação para apresentação de despesas ao Estado. O sistema ainda não é totalmente automático, mas por favor não hesitem em pedir o vosso recibo de pagamento da quota sempre que este não vos for imediatamente facultado.

UPDATES NA PÁGINA DA APA

Gostaríamos de relembrar que inserimos no site da APA toda a informação relativa a concursos ou *call for papers* logo que ela nos chega ao e-mail da APA. Por isso continuamos a contar com a vossa iniciativa para mantermos esta divulgação actualizada. ENVIEM notícias, anúncios de cursos, de colóquios, de ciclos de cinema ou quaisquer outros eventos que se inscrevam na área da antropologia.

@apantropologia.net

(Ruy Blanes, responsável
pelo e-boletim da APA)

NOVOS CONTACTOS

De forma a poder facilitar o contacto e interacção entre a direcção, o secretariado e os sócios, a APA criou e-mails específicos para responder às diversas solicitações:

Divulgação: divulgacao@apantropologia.net

Sócios: socios@apantropologia.net

Presidência: presidente@apantropologia.net

NOVOS SÓCIOS

A APA saúda publicamente a admissão dos novos sócios: Helder Teixeira dos Santos (nº 639), Leandro Macedo Morgado (nº 640), Ricardo Manuel Ferreira de Almeida (nº 641), Edison Rodrigues de Souza (nº 642), Claudia Patrícia da Cruz Pereira (nº 643) e Marlene Lage (nº 644).

DOSSIER - PERFIL DO ANTROPÓLOGO EM PORTUGAL

ARTIGO: "OS ANTROPÓLOGOS PORTUGUESES NOS ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XX"

POR JOSÉ CAVALEIRO RODRIGUES, ANTIGO MEMBRO DA DIRECÇÃO DA APA

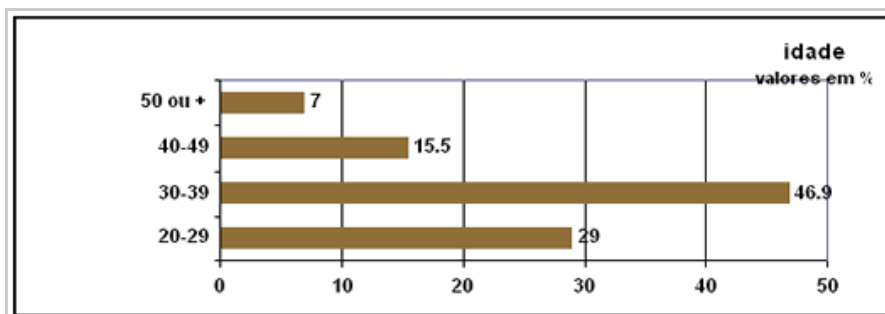
OS ANTROPÓLOGOS PORTUGUESES, NOS ÚLTIMOS ANOS DO SÉCULO XX

Em 1999, a Associação Portuguesa de Antropologia com a colaboração de várias associações científicas, departamentos universitários e centros de investigação, lançou o *Inquérito à Situação dos Antropólogos em Portugal*. Esta pretendia ser a primeira de uma série de pesquisas cujo propósito seria não só caracterizar a comunidade antropológica portuguesa, ao nível dos seus licenciados e profissionais, mas proceder a um levantamento de cariz mais institucional, direccionado para os recursos existentes no quadro do ensino e da investigação no nosso país. Na direcção que se encontrava em funções havia a convicção profunda de que era imprescindível conhecer estes dados e que era a APA que se encontrava melhor posicionada para os produzir. Decorridas mais de duas décadas sobre a criação dos primeiros cursos e o início da institucionalização da disciplina, ao contrário do que se passara noutras áreas congéneres, a Antropologia nunca encetara esse processo de auto-auscultação e de reflexão interna que nos parecia indispensável para criar as condições mais favoráveis à sua consolidação e desenvolvimento, enquanto área de trabalho e campo de conhecimento socialmente reconhecidos. Seria aliás improvável que esse tipo de exercício pudesse ter lugar de um modo produtivo, dada a inexistência de fontes de informação e de dados que, organizados de modo sistemático e com a necessária abrangência, pudessem fornecer uma base factual credível de reflexão e discussão.

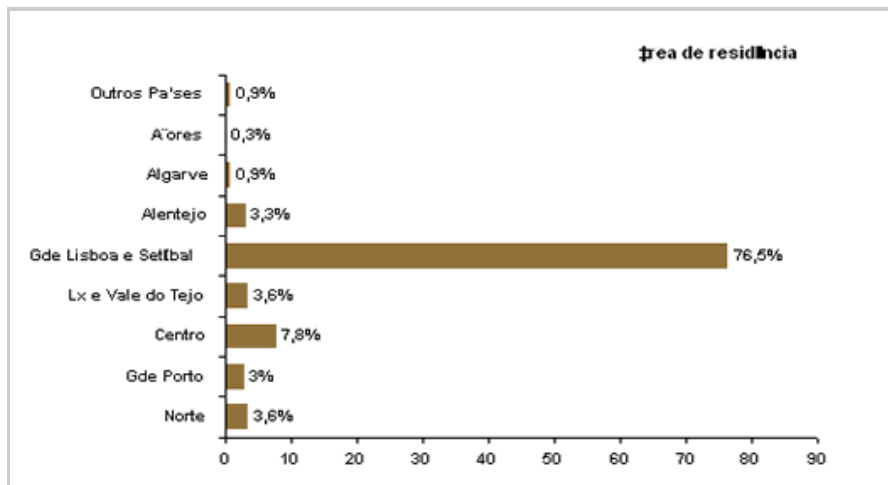
Na altura, os meios disponíveis não permitiram fazer mais do que o *Inquérito à Situação dos Antropólogos em Portugal* e ficou por obter esse retrato completo dos contextos de produção da Antropologia portuguesa. Todavia, os dados desse inquérito são ainda hoje os únicos que existem e permitem uma visão de conjunto sobre quem são os antropólogos portugueses, os seus percursos académicos e profissionais e as áreas de trabalho em que têm investido. Vale por isso a pena recordar o que se ficou a saber sobre esse período, sobretudo agora que se planeia relançar este projecto e multiplicar as dimensões conhecidas da prática antropológica contemporânea.

O inquérito de 1999 teve um acolhimento muito positivo entre os antropólogos com quem foi possível contactar. Na ausência de uma listagem exaustiva dos licenciados em antropologia que pudesse funcionar como base de sondagem, a opção tomada foi recorrer às faculdades e aos centros de investigação, pedir-lhes relações dos seus licenciados e associados e enviar o inquérito a todos. Apesar da desactualização de muitos dos elementos constantes nessas bases de dados, conseguiu-se fazer o envio de cerca de 1100 questionários aos quais se receberam 341 respostas [1], um valor muito apreciável para um inquérito postal efectuado nestas condições.

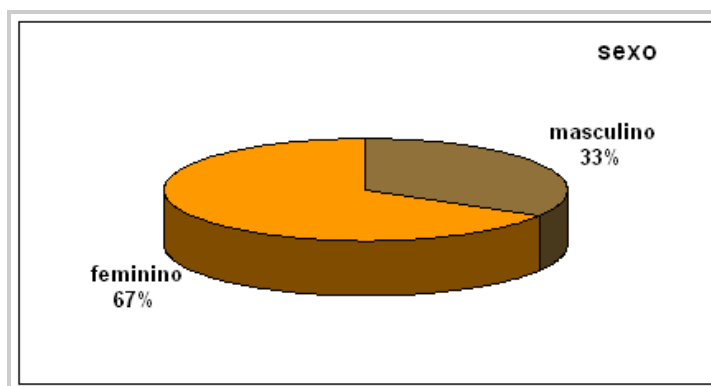
O inquérito abria com um conjunto de perguntas a partir das quais se podia esboçar alguns dos contornos do perfil sociográfico dos inquiridos. O primeiro desses traços mostrava-nos uma população extremamente jovem: quase 30% dos antropólogos tinha menos de 30 anos; 75% estavam abaixo dos 40 anos e apenas 7% ultrapassavam os 50 anos de idade. Dadas as circunstâncias da nossa história política recente e o atraso com que a antropologia chegou ao sistema de ensino superior, esta era uma característica espectacular.



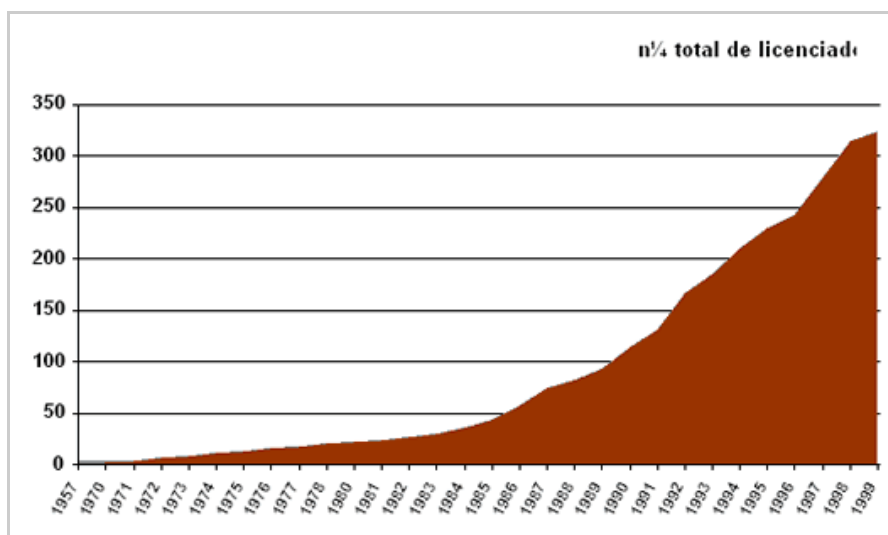
Já mais inesperada, apesar da macrocefalia do país, seria a desmedida concentração geográfica da classe, patente no facto de, em cada quatro antropólogos, três estarem instalados na área da Grande Lisboa e Península de Setúbal e em várias regiões não haver mais do que algumas presenças isoladas.



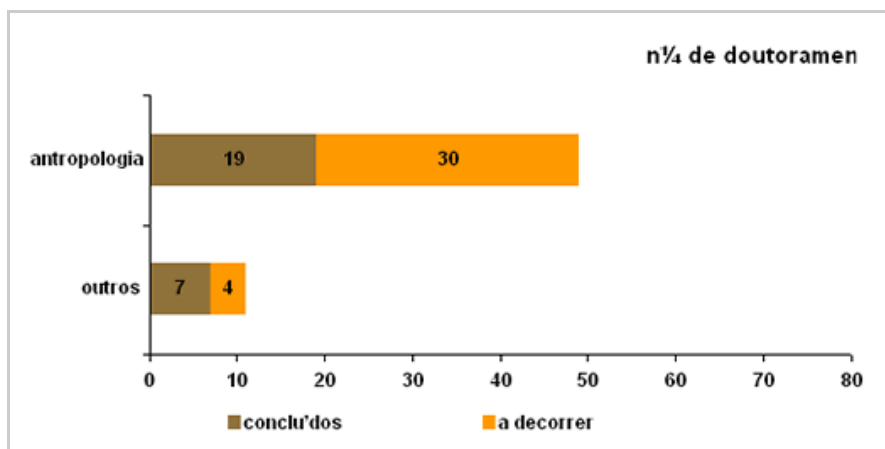
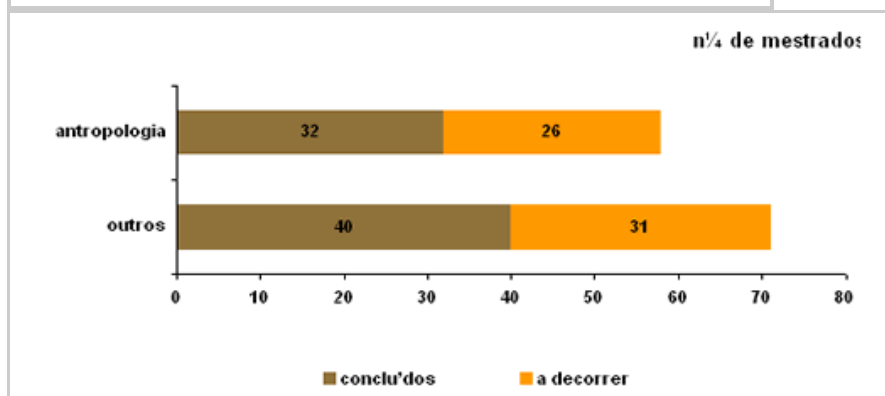
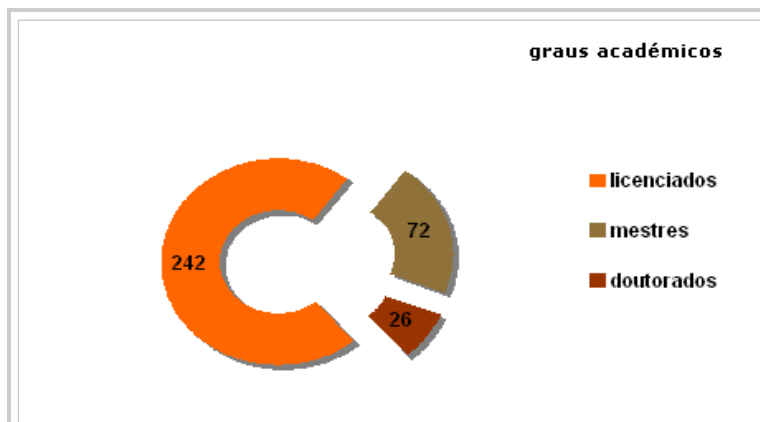
No que toca à repartição por sexos, voltava a não haver surpresas: as mulheres constituíam a larga maioria dos licenciados - 67%, um valor que estava mais de dez pontos acima da proporção total de mulheres com o ensino superior, mas que ainda assim se encontrava dentro dos parâmetros femininos para a área das ciências sociais e humanas. No caso da antropologia, este processo de feminização torna-se visível logo desde o princípio da década de 80, quando começam a sair os primeiros diplomados das licenciaturas criadas na sequência do 25 de Abril e, daí para cá, não parou de aumentar, na razão directa do crescimento do número de licenciados e da massificação do ensino superior.



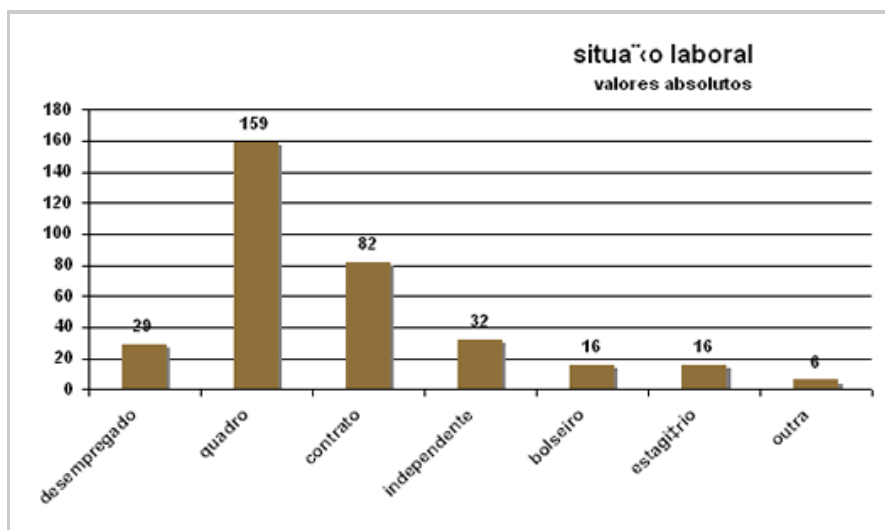
Cerca de 15 anos é o tempo que demora a constituir este corpo de licenciados em Antropologia. Podemos verificar a rapidez deste processo pela acentuação da curva do total de licenciados a partir de meados da década de 80 ou pelo peso que a percentagem dos licenciados entre 1985 e 1999 representa no total: nesses 15 anos diplomaram-se mais de 80% dos antropólogos que responderam ao inquérito. Mais uma vez este crescimento explosivo e muito concentrado num curto período de tempo dos nossos diplomados explica-se pela criação quase em simultâneo, entre o final da década de 70 e o princípio da de 80, das três maiores licenciaturas do país.



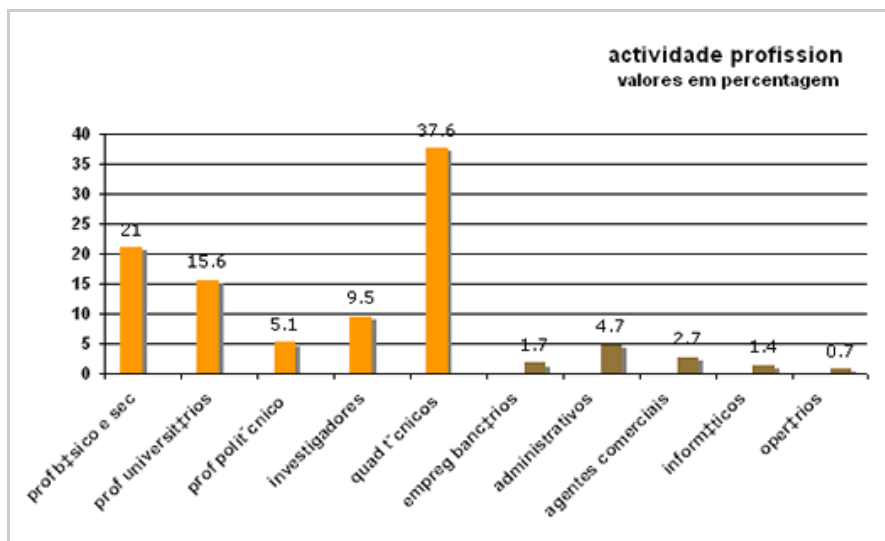
Ainda ao nível da formação, existem indicadores de grande dinamismo no reforço ou na procura de novas qualificações por parte dos antropólogos. Isso mesmo é evidenciado pelos 98 titulares do grau de mestre ou doutor (28%), ou pelos 91 casos de investigadores inscritos e a realizarem mestrados ou doutoramentos (27%) [2]. O mesmo tipo de esforço no sentido de aumentar e diversificar competências estava sobejamente documentado na profusão de cursos e formações complementares que os antropólogos haviam adquirido ou estavam a frequentar.



Uma das componentes mais exploradas no inquérito dizia respeito à relação dos antropólogos com o mercado de trabalho, às suas ocupações e trajetórias profissionais. Ao nível da empregabilidade, a situação da classe era menos má do que a dos licenciados em geral: 8.5% dos antropólogos encontravam-se desempregados em 1999, contra 13.2% do conjunto dos licenciados. Mais de metade tinha empregos com vínculos estáveis, mas muitos permaneciam em situações de contrato temporário ou exerciam actividade como independentes (24% e 9.5%, respectivamente).



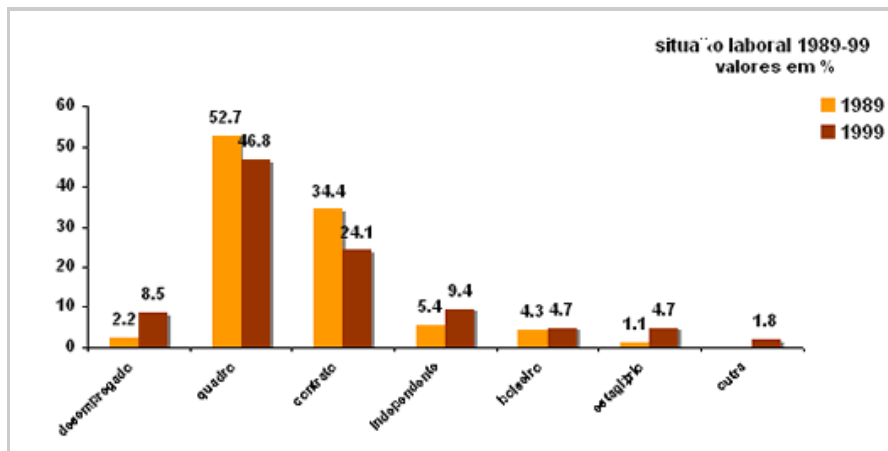
A maioria dos antropólogos inquiridos eram professores dos vários graus de ensino e investigadores. Na época, o ensino básico e secundário (21%) dava emprego a tantos antropólogos como os sub-sistemas de ensino superior (20.7%). Havia no entanto uma percentagem muito significativa de 37.6% de antropólogos que ocupavam funções como quadros técnicos superiores, em áreas tão diversificadas como a museologia, a intervenção social e comunitária e a formação profissional, entre outras. Finalmente, 11% dos licenciados declaravam ocupações fora da sua área de formação e abaixo do seu nível de qualificação.



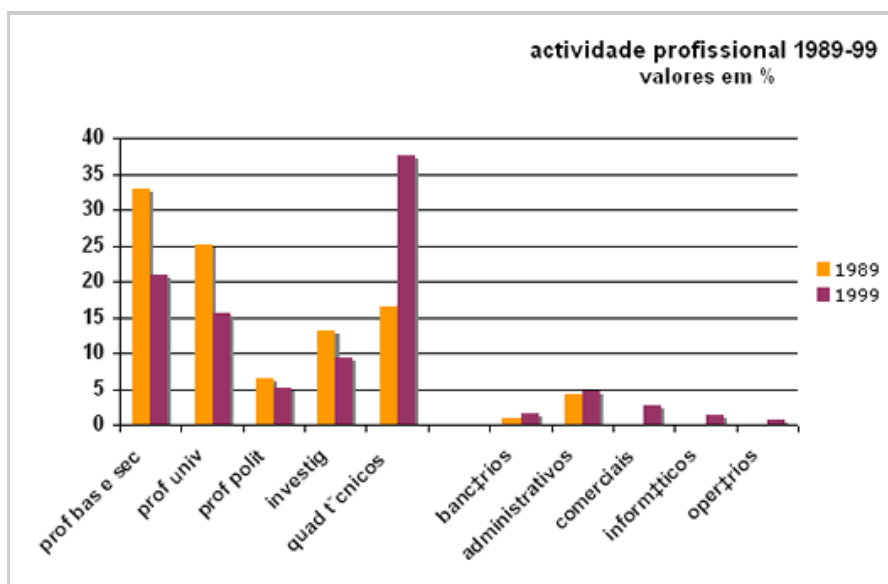
Áreas de actividade dos quadros técnicos superiores 1989-99

Áreas de actividade	Nº de casos 1989	Nº de casos 1999
Acção sócio-cultural	4	14
Museologia	5	21
Formação	-	18
Património cultural	1	9
Bibliotecas e centros de documentação	1	7
Técnicos editoriais	-	3
Comunicação e relações públicas	-	9
Recursos humanos	-	5
Estudos administrativos	-	6
Recursos educativos e administração pedagógica	2	3
Diplomacia e segurança interna	1	4

Quando se compara a situação laboral de 1999 com o que se passava uma década antes, a evolução parece ser claramente negativa. Não só diminuiu a percentagem de trabalhadores integrados em quadros permanentes, como baixou o número de contratados. Simultaneamente, a taxa de desemprego, que em 1989 era meramente residual, subiu para 8,5%, enquanto a percentagem de trabalhadores colectados como independentes registava uma duplicação. Um sinal eventualmente mais positivo poderia ser o dos estágios para licenciados, realidade quase desconhecida em 1989, mas que em 1999 atingia os 4,7%.



Esse mesmo período de dez anos foi suficiente para mudar radicalmente a distribuição relativa dos antropólogos pelos seus principais sectores de ocupação profissional. Em 1989, os antropólogos dependiam quase exclusivamente do ensino e da investigação e, muito embora uma década depois este sector de actividade ainda represente metade do emprego, expandiu-se e consolidou-se a presença dos antropólogos entre os chamados "quadros", em profissões técnicas muito diversas mas de elevada qualificação. Neste período de mudanças, um aspecto permaneceu inmutável: a dependência dos antropólogos relativamente aos empregos gerados pelo sector público da economia, seja no ensino e na investigação, seja na administração central e local ou nas empresas públicas.



Sabemos que decorridos oito anos após esta observação, as mudanças continuaram e o cenário terá hoje novos matizes. Vimos os antropólogos serem praticamente expulsos do sistema de ensino básico e secundário, ao mesmo tempo que, impondo as suas competências, participaram do movimento de expansão do chamado terceiro sector e tentaram penetrar um pouco mais em áreas empresariais até aqui reservadas a outras especialidades e grupos profissionais. Sentimos estas e outras alterações, mas em boa verdade não podemos medir o significado rigoroso que elas têm para o conjunto das práticas profissionais dos antropólogos, nem como estão a mudar a Antropologia que se faz em Portugal. É tempo de voltarmos a dirigir os nossos instrumentos de pesquisa para nós próprios e actualizarmos o retrato da nossa disciplina e daquilo que com ela temos sido capazes de fazer.

José Cavaleiro Rodrigues

Coordenador do *Inquérito à Situação dos Antropólogos em Portugal*

1. A dimensão da amostra garante algum grau de segurança quanto à sua representatividade geral. Contudo, nas partes do inquérito que dizem respeito a determinados subgrupos mais pequenos e não ao conjunto da população, são de admitir alguns enviesamentos.

2. É de admitir, dada a sobre-representação entre os respondentes ao inquérito de antropólogos ligados ao ensino - nomeadamente ao ensino superior -, que estes valores estejam ligeiramente inflacionados e não correspondam rigorosamente ao panorama mais global da classe.

[topo](#)

ACTUALIDADE

RECHERCHES EN ANTHROPOLOGIE AU PORTUGAL ONLINE